



Eliezer Burlá,
publicitário

Eliezer Burlá, mesmo tendo vivido em outras terras, considera-se carioca de primeira água ("fui moleque de rua no Rio, entendo esta cidade e me sinto muito carioca") e acha que de fato só conseguiria viver bem por aqui mesmo. Nasceu na Zona Sul, mas se criou em São Cristóvão. Aos dez anos foi com a família para o Pará, em seguida para o R. G. do Norte. Estudante do Liceu Norte-Riograndense, aos 14 anos, escrevia para o melhor jornal da terra, — como líder estudantil do movimento que resultaria na revolução de 35. ("A revolução nasceu no meu ginásio"). Em 1936, voltou ao Rio para continuar o curso de ginásio e, embora todas as circunstâncias o levassem a estudar Direito, terminou engenheiro agrônomo, profissão que nunca exerceu. No jornalismo e na literatura começou cedo, ainda no Norte. Mas foi graças a Dias da Costa que se tornou profissional, fazendo traduções para as revistas "Pan", "Lupin" e "Detetive". Depois foi ser arquivista de "O Jornal", a convite de Guilherme Figueiredo e Pedro Lima. De arquivista entrou duro na colaboração literária (contos, principalmente) com Magalhães Júnior em "A Carioca" e "Vamos Ler". Três anos dirigiu o departamento de publicidade de Severiano Ribeiro, ganhando 600 cruzeiros mensais. Quando foi pedir aumento, o patrão quase o convenceu de que ganhar mais seria sua infelicidade. Apesar do argumento, mudou de emprego e, em 1942, levado por Guilherme Figueiredo e Emil Farah, foi trabalhar em publicidade, ingressando na Mc Cann Erickson, onde trabalhou sete anos, organizando o Departamento de Rádio, do qual foi diretor. Nessa época, escrevia muitos contos, comparecendo assiduamente em jornais e revistas. Nessa época, ouviu de Graciliano Ramos a opinião de que era o melhor contista de sua geração. Mas Eliezer não fez da vida literária uma obsessão e continuou em publicidade. Prêso ao rádio pela sua profissão, ligou-se muito aos radialistas e foi, na época, 1949, um grande boêmio, fazendo parte de rodas com Evaldo Rui, Fernando Lôbo, Radamés Gnattali e Araci de Almeida, entre outros. Em 1950 largou tudo e ficou sem emprego. Mas por pouco tempo, porque logo foi convidado para assumir a sub-gerência da Grant, em São Paulo, para onde se transferiu sem conhecer ninguém. Na capital paulista, viveu três anos, fazendo, além de publicidade, uma coluna diária de rádio no "Diário de São Paulo" e no "Diário da Noite". Montou, escreveu e dirigiu o primeiro programa de televisão da América do Sul, em São Paulo. Sua seção de rádio, nos jornais paulistas e na revista "PN", fez furor e, por causa delas, Eliezer é proibido de visitar várias cidades do país, graças às críticas que fez ao rádio do interior. Transportou para a crítica radiofônica a linguagem literária, criticando os programas profundamente, penetrando nos tabus e mazelas do rádio brasileiro. Em 1951, deixou a Grant de São Paulo para vir ser seu gerente no Rio. Em 1954, ingressou na Standard como diretor-gerente e lá está até hoje, satisfeito da vida. Não frequenta muito os suplementos literários, não tem pressa de publicar e espera deixar obra de valor. Depois de "Os braços suplicantes" (José Olympio), está concluindo seu romance "Os moinhos de vento", que é a história da geração que pegou a revolução espanhola, o golpe de 37 e a luta contra o Estado Novo. Tem pronto um ballet, "Copacabana", que Léo Perachi nunca terminou de musicar. É autor de uma peça teatral, "Larissa", e de um roteiro para um filme. "Doze retratos de mulher" deverá ser seu próximo livro de contos. Casado, pai de dois filhos, boêmio aposentado, Eliezer é homem tranquilo, de conversa calma e longa. E sobre o rádio, tem uma opinião que, além de verdadeira, tem a importância de ser emitida por um dos homens que melhor conhecem o assunto, no Brasil. "O rádio brasileiro está decadente pela repetição de seus próprios métodos de criação, ocasionando o desinteresse de 2/3 do público que não ouve mais a programação. Há alguns escritores de rádio que tentam quebrar essa muralha de silêncio: Antônio Maria e Haroldo Barbosa, no Rio; Oswaldo Moles e Túlio de Lemos, em São Paulo".

"Society"

Ibrahim Sued e a música clássica

- Foi um prazer para mim organizar com meu amigo Jorge Guinle a "Noite Experimental de Música" em benefício da Fundação da Universidade Internacional de Música da Juventude Brasileira. Essa noite teve como local o Golden-Room do Copa, que com essa noite de música clássica pôs em prova a sua acústica, descobrindo-se com isso, mais uma sala de concertos para o Rio. Participaram do programa artístico o jovem e notável pianista brasileiro Jacques Klein, que se despediu do público viajando para uma longa temporada no exterior, e o consagrado maestro Eleazar de Carvalho, que regeu a Orquestra Sinfônica Brasileira, composta de 53 professores, e surpreendendo o meio artístico, cantou pela primeira vez uma composição de sua autoria.
- Essa elegante noite de "black-tie" e vestidos decotados teve o patrocínio de honra da primeira dama do país, sra. João Café Filho, do Prefeito Alim Pedro e do Marechal Eurico Gaspar Dutra, e como *patronesses* um grupo de figuras da nossa alta sociedade, entre elas a Princesa Dona Fátima de Orléans e Bragança; embaixatrizes de Portugal; da França; da Índia e dos Estados Unidos, e sra. Raul Fernandes.
- Toda a renda dessa noite foi entregue ao maestro Eleazar de Carvalho, e na elegante platéia notava-se: a presença da sra. Ministro Alencastro Guimarães; Sr. e sra. Carlos Guinle; Sr. e sra. Ayres Fonseca da Costa; Sr. e sra. Vicente Galliez; Sr. e sra. Octávio Guinle; Baronesa de Saavedra; Sr. e sra. César Melo Cunha; Sr. e sra. Joaquim Monteiro de Carvalho; os Conde de Larisch; os Marqueses de Belmonte; Sr. e sra. Roberto Marinho; Sr. e sra. Carlos Eduardo Souza Campos; Sr. e sra. Bento Luís Soares Sampaio; Sr. e sra. Otacílio Gualberto; Roberto Singery; Sr. e sra. Ari de Castro; Sr. e sra. Homero Souza e Silva; Sr. e sra. João Saavedra; Sr. e sra. Eurico Amado; cronistas Mario Cabral; Eurico Nogueira França; Roberto Vasconcelos; Pomona Politis; Fernando Augusto de Carvalho; Pedro Muller; Torreão; Sr. e sra. Vinício Fontes; Senhorinhas Ilde Garavaglia e Rosinha Serzedelo Machado; e muitos outros. Foi realmente uma noite de arte, mundanismo e beneficência. Um acontecimento "very kar".



As sras. João Café Filho; Cicinato Ferreira Chaves e o prefeito da cidade sr. Alim Pedro prestigiaram essa noite de arte.



Durante o intervalo, o embaixador de Portugal, sr. Antônio de Faria, palestra com a sra. Raul Fernandes, uma das patronesses da noite.



As sras. Adolfo Cláudio Graça Couto, Celso Rocha Miranda e Francisco Batista estiveram presentes e com elegantes vestidos.



A embaixatriz da França, sra. de Hardion, laudada por Ibrahim Sued e Jorge Guinle, os promotores da noite de arte.